



## Um Homem Bom

Foi com o maior gosto que aceitei o amável convite para participar com um depoimento pessoal na homenagem pública que hoje é, muito justamente, prestada à grande figura nacional que é o Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles.

**E**mbora a minha intervenção se situe no painel dedicado à sua vida política, não gostaria de deixar de sublinhar que a qualidade que mais me impressionou sempre, em GRT, foi a de ele ser, na plena acepção da palavra, um homem bom. Bom pai de família, bom cidadão, bom humanista, em síntese, um homem de bem. Não há muitos, infelizmente, neste mundo. E muitos menos há, também infelizmente, na vida política. Mas ele foi-o e é-o, no entender de todos quantos os que tiveram, ou têm, o privilégio de o conhecer de perto ou de trabalhar com ele. Pelo muito que todos aprendemos consigo, Gonçalo, e pelo muito que eu pude aprender de si: Obrigado. Bem Haja.



POR  
**Diogo Freitas  
do Amaral**

Professor Catedrático  
da Faculdade de Direito  
da Universidade Nova  
de Lisboa

Sob o ponto de vista político, GRT foi sempre o mesmo, antes e depois de 25 de Abril de 1974: um português patriota, um monárquico convicto, e um democrata exemplar. Muitos monárquicos conservadores estranharam vê-lo aceitar fazer parte de alguns governos provisórios, em 1974-76, mas essa participação foi a prova máxima de uma coerência de vida da parte de quem sempre combateu a di-

tadura, encabeçou listas próprias a eleições durante o Estado Novo e saudou, por consequência, com sincero júbilo, a Revolução do 25 de Abril.

Porém, com a sua apurada inteligência e profunda intuição estratégica, nunca se lhe ouviu fazer, nem antes nem depois do 25 de Abril, do tema da restauração monárquica, um objectivo imediato de qualquer campanha eleitoral ou de qualquer programa de governo. Por falta de convicção, é óbvio que não. Quem funda um partido político e lhe chama Partido Popular Monárquico, sabendo que, na conjuntura, isso lhe há-de roubar votos, não pode ser suspeito de falta ou fraqueza de convicção monárquica. Animou-o, sim, uma sábia ponderação entre a sua grande convicção institucional, e o seu legítimo desejo, para não dizer *dever*, como Cícero, de participação cívica. Cícero já con-

siderava o *dever* de participação cívica como o primeiro dever de qualquer cidadão. A monarquia ficou a assim a ser, para GRT, um ideal de longo prazo, tal como para outros, entre os quais me incluo, ficou a ser ideal de longo-prazo o federalismo europeu, desde que democrático (é bom dizê-lo, nestes tempos). Sendo as coisas o que são, e não havendo política fora da realidade de cada época, GRT, sem nunca renunciar ao seu ideal monárquico, decidiu dedicar a vida política activa a outro grande objectivo, mas agora de curto e médio prazo.

Antecipando-se à tradição europeia, fez do PPM o partido de uma causa transversal a todo o espectro político: a protecção do ambiente. Foi nisto pioneiro. Duplamente pioneiro, aliás: foi pioneiro por orientar o seu partido do azul para o verde, e foi pioneiro por não fazer da ecologia uma causa de movimentos radicais, mas antes uma causa da democracia reformista.

É interessante, para medir bem o significado histórico da orientação ambientalista ou ecologista de GRT, ter presente que, se o PPM foi fundado em 1974 (e viu o seu líder ser membro de vários governos provisórios, até 1976) os primeiros partidos e movimentos verdes da Europa só foram criados uma década depois, nos anos 80, mais precisamente em 1983, data em que nasceram, com poucos meses de intervalo, o Partido Verde inglês e o Partido Verde alemão. Repare-se bem: 10 anos depois de GRT o ter proclamado no seu partido, e muitos anos depois de já o proclamar no seu ensino e nas suas declarações públicas; só quando ele era ministro da Qualidade de Vida, tutelando a secretaria de Estado do Ambiente, é que a Europa dita culta e avançada descobriu aquilo que para ele era já uma evidencia de há muito tempo, e que já era matéria de programa de um partido político, dez anos antes.

Como já aqui foi lembrado, de início

a mensagem ambientalista ou ecologista foi considerada uma voz um tanto ou quanto estranha, singular (pelo menos), talvez visionária; para outros, lunática. Mas aos poucos todos os partidos (embora talvez não pelas melhores razões...), começaram a perfilhar a causa do Ambiente, pelo menos ao nível dos seus programas, e é assim que, a partir dos anos 80, entrando na moda europeia (e talvez sem se darem conta de que estavam a cumprir o apelo de GRT), todos os partidos portugueses incluíram nos seus programas e promessas eleitorais, embora nem sempre na sua acção governativa, mensagens ambientais generalizadas. Curiosamente, o último partido ecologista a surgir em Portugal – “Os Verdes” –, foi o único que se auto-denominou como os partidos ecologistas europeus. Em Portugal, os primeiros não nasceram num extremo ou noutro do quadrante político, mas no seio da democracia reformista. Lembro-me, aliás, se me permitem uma pequena invocação, de que, no tempo imediatamente antes da primeira campanha da Aliança Democrática, percorremos vários países europeus, o GRT, o Francisco Sá Carneiro e eu; e ele usava em inglês uma expressão que os deixava atónitos: “In Portugal, the Green are Blue”. Depois de perceberem ou descondificarem a mensagem, davam-nos os parabéns; e tomavam algumas notas, mas ainda demoraram 3 ou 4 anos a adotar essa extraordinária cartilha.

É por tudo isso que eu gostaria de dizer aqui que estou convencido de que o GRT, apesar de ter tido um partido político pequeno, com a maior dificuldade em conquistar votos, conseguiu obter uma vitória política que porventura mais ninguém conseguiu, desde 74 até hoje, que foi levar (sem ser à força, ou em troca de qualquer negociação) todos os outros partidos políticos do espectro político português a abraçarem a causa

da Ecologia, que ele tão lucidamente foi um dos primeiros a advogar em público e, seguramente, um dos mais ilustres. É esse o grande poder das ideias. Como dizia Vitor Hugo, “não há nada de mais poderoso do que uma ideia cujo tempo chegou”. E se me permitem acrescentar, sobretudo quando apresentada pelo homem certo e no lugar certo certo. Foi esse o caso com o nosso querido Amigo e Mestre, o Arquitecto Gonçalo Ribeiro Telles.

Gostaria de me alongar, mas não posso, sobre o papel fulcral que GRT e com ele o PPM tiveram na formação, nas vitórias eleitorais e na acção política da Aliança Democrática, entre 1979 e 1983. Recordo com emoção como foi importante para todos nós o seu contributo, a sua calma e, sobretudo, a sua sabedoria.

Gostaria de lhe oferecer hoje um pequeno presente, simbólico. E esse pequeno presente é apenas a notícia de um facto, que nunca lhe tinha contado, a si Gonçalo, nem a ninguém. É que, por inspiração das suas ideias e por tudo aquilo que aprendi consigo, no período de maior convívio que tivemos entre 1979 e 1983, eu, logo a seguir, em 1984–85, ofereci-me no conselho científico da minha Faculdade para reger uma disciplina semestral de Direito do Ambiente. O Conselho aprovou a ideia, embora com dúvidas. E eu tornei-me assim, sem querer (ou sem pensar nisso), no primeiro Professor português a ensinar Direito do Ambiente numa licenciatura em Direito. Mas isso não se deve a mim, deve-se ao Gonçalo – o seu a seu dono. Acrescento apenas que hoje todas as faculdades de direito públicas e quase todas as privadas têm uma disciplina autónoma de Direito do Ambiente.

Por tudo isto, Gonçalo, o que nós podemos e devemos fazer é agradecer-lhe. Agradecer o seu exemplo, a sua vida, as suas causas. E prometer que vamos lutar, para que toda a excelente legislação que o Gonçalo fez, ou ajudou a fazer, venha a ser cumprida, sem distorções, sem fraude à lei e sem excepções superiores à regra. É por isso que eu acho que GRT merece amplamente esta homenagem nacional que hoje aqui lhe é prestada. O Gonçalo é a personificação viva daquilo que dizia, de uma forma sábia, o General De Gaulle: “a política deve ser o combate de uma vida ao serviço dos outros”. ■

66 **percorremos vários países europeus, o GRT, o Francisco Sá Carneiro e eu; e ele usava em inglês uma expressão que os deixava atónitos: “In Portugal, the Green are Blue”**